

A história de Anahí e a lenda da flor do ceibo numa leitura pastoral missionária

The story of Anahí and the legend of ceibo's flower in a missionary pastoral reading

Sergio Esteban González Martínez

Graduado em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

sergioestebangonza@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/8960545512208753>

Vidal Valentin Cantero Zapattini

Graduado em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

abvican@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/1076091238125320>

Resumo

Este trabalho apresenta a história de Anahí – rainha guarani – e a lenda da flor do ceibo, com a finalidade de ressaltar a coragem e a capacidade de liderança da figura feminina na defesa da dignidade humana; e, ao mesmo tempo, revelar as virtudes da família da tribo de Anahí com relação à natureza, à história, à cultura e à espiritualidade, com a intenção de destacar a importância da comunhão integral. Esse modelo relacional na lenda da flor do ceibo torna-se inspiração para a Igreja contemporânea nos desafios de diálogo social, econômico, político, ecológico e religioso. Os discípulos missionários precisam, à luz da história de Anahí, encorajar-se no anúncio do Reino de Deus e na dimensão social do Evangelho para defender a vida, a história, a cultura e a comunidade mundial, com o propósito de tornar a vida social mais humana e solidária, fomentando a consciência de casa comum.

Palavras-chave: Anahí. Flor do ceibo. Comunhão integral. Igreja.

Abstract



This paper presents the story of Anahí - Guaraní queen - and the legend of the Ceibo flower, in order to highlight the courage and leadership capacity of the female figure in the defense of human dignity; and, at the same time, reveals the virtues of the family of Anahí's tribe in relation to nature, history, culture and spirituality, with the intention of highlighting the importance of integral communion. This relational model in the legend of the Ceibo flower becomes inspiration for the contemporary Church in the challenges of social, economic, political, ecological, and religious dialogue. The missionary disciples need, in light of Anahí's story, to be encouraged in the proclamation of the Kingdom of God and in the social dimension of the Gospel to defend life, history, culture, and the world community, with the purpose of making social life more human and solidary, fostering the consciousness of common home.

Keywords: Anahí. Ceibo flower. Integral communion. Church.

Introdução

Os países do Continente Latino-americano como o Brasil, a Argentina, o Paraguai e o Uruguai possuem um elemento em comum, pouco conhecido, que une os relacionamentos a partir da cultura – além do conflito da Guerra da Tríplice Aliança – à história de Anahí e à lenda da flor do ceibo. A história e a lenda revelam a dolorosa narrativa da invasão colonizadora dos espanhóis, que ocasionou morte e destruição, a aniquilação de muitos guaranis, membros da família da tribo de Anahí. A lenda torna-se importante no contexto contemporâneo ao perpassar a atualidade, fazendo-se conhecer através do folclore que revela a sua beleza nas poesias, músicas, bailes e peças teatrais.

A lenda da flor do ceibo é expressão de coragem e valentia na luta pela dignidade humana e respeito das diversidades dos povos e nações, especialmente aquelas originárias. Ela revela a capacidade de liderança da figura feminina na pessoa da *indiecita fea de la voz más dulce como el aguaí*. Também Anahí e a lenda da flor do ceibo mostram o valor da natureza ao colocar a imagem da rainha guarani na transformação da flor do ceibo e, ao mesmo tempo, ao situar a dimensão da memória como critério essencial para a construção da paz dos povos: cada vez que se olha a flor do ceibo se recorda a valentia de Anahí na defesa da natureza, terra e família guarani. A lenda da flor do ceibo convida a se considerar membros de uma casa comum no sentido de pertença à família e da identidade com o semelhante.

Para descobrir a história da figura feminina na pessoa de Anahí, este trabalho apresenta, num primeiro momento, um olhar histórico que servirá de introdução para contextualizar o leitor na história e na lenda e, posteriormente, se colocará a canção folclórica: Anahí, na letra e música de Osvaldo Sosa Cordero, para, finalmente, destacar-se como a história de Anahí contribui para a dimensão missionária da Igreja.



A história de Anahí e a lenda da flor do ceibo

A planta do ceibo, que pode ser encontrada nas Américas, especialmente nos países como Argentina, Uruguai, Paraguai e Brasil, oferece à natureza flores de cores vermelhas intensas, capazes de permear qualquer tecido. Além da sua numerosa utilidade e incomparável beleza, a planta da flor do ceibo esconde uma história pouco conhecida pelos cidadãos contemporâneos: ela revela na sua intensa cor vermelha o martírio de uma indígena corajosa chamada Anahí, líder da sua tribo e possuidora de uma voz incomparável, capaz de encorajar a todos os indígenas da sua família guarani. A história de Anahí e a lenda da flor do ceibo transpassam o tempo e o espaço, tornando-se hoje vivas e oferecendo a intensa cor vermelha no contexto contemporâneo. É possível conhecer a lenda de Anahí graças à beleza da arte, que conduz a mergulhar na memória histórica. Desta maneira, a flor do ceibo perdura no tempo por meio da poesia e da música, possibilitando a transmissão oral de conteúdos culturais históricos como a história de Anahí.

A lenda da flor do ceibo, apesar das influências da globalização e do pouco interesse dos Estados com relação à memória e à história cultural indígena, continua latente em vários países no Continente Latino-americano. Na Argentina, a flor do ceibo foi declarada como Flor Nacional Argentina, no dia 23 de dezembro de 1942, pelo Decreto N° 13.847/42. Entre os seus artigos destaca-se a importância histórica: “ha sido evocada en leyendas aborígenes y cantada por poetas, sirviendo también de motivo para trozos musicales que han enriquecido nuestro folklore, con expresiones artísticas de hondo arraigo popular y típicamente autóctonas”¹ (DECLARATORIA DEL CEIBO COMO FLOR NACIONAL, acesso em: 20 jul. 2021). No Uruguai, essa flor também é considerada Flor Nacional por possuir valor histórico-cultural (TODO URUGUAY, acesso em: 20 jul. 2021). No Paraguai, a lenda da flor do ceibo representa a expressão de resistência de uma cultura indígena com relação aos invasores espanhóis. A cultura guarani nesse país, apesar do domínio dos *hombres de pieles blancas*, continua viva na arte e na língua, perdurando especialmente na língua guarani, falada e estudada nas escolas e colégios do território paraguaio, por ser uma língua oficial, além do espanhol.

Cuenta la tradición oral que en las riberas del Paraná vivía una indiecita de rasgos toscos, llamada Anahí. Era fea, pero en las tardecitas veraniegas deleitaba a toda la gente de su tribu guaraní con sus canciones inspiradas en sus dioses y el amor a la tierra de la que eran dueños... Pero llegaron los invasores, esos valientes, atrevidos y aguerridos seres de piel blanca que arrasaron las tribus y les arrebataron las

¹ Foi rememorado em lendas indígenas e cantadas por poetas, servindo para pedaços musicais que enriqueceu o folclore, por meio de expressões artísticas enraizadas no popular e tipicamente autóctones (tradução livre).



tierras, los ídolos y su libertad. Anahí fue llevada cautiva junto con otros indígenas. Pasó muchos días llorando y muchas noches en vigilia, hasta que un día en que el sueño venció a su centinela, la indiecita logró escapar, pero al hacerlo, el centinela despertó y ella, para lograr su objetivo, hundió un puñal en el pecho de su guardián y huyó rápidamente a la selva² (ARGENTINA.GOB.AR, acesso em: 20 jul. 2021).

Na cultura guarani, a tradução oral *ñe'ẽ* manifesta a vivência da memória. Essa linguagem é transmitida através de mitos, contos, lendas, cantos, músicas e outros meios de expressão, fazendo perdurar no tempo as vivências e os costumes dos antepassados, bem como a sua relação com a realidade. A qualidade descrita na lenda, posteriormente desenvolvida na canção, da *indiecita* Anahí destaca a virtude mais importante da sua tribo – mais que a aparência física – a voz, capaz de chegar a conectar a natureza e a tribo, transformando essa harmonia em amor e compromisso concreto no cuidado e na proteção da criação, e expressada na identificação comunitária da tribo, que faz reconhecer os seus membros como uma só família. A voz de Anahí cantava a sua terra, tribo, história e cosmos, com cantos de reconhecimento e contemplação; mas, desde a chegada dos invasores espanhóis – *hombres blancos* –, a voz mais doce da tribo transformou-se em grito de guerra para defender a sua terra, família, cultura e liberdade.

O chamativo da lenda da flor do ceibo é a figura da mulher guarani como liderança de uma tribo. Anahí manifesta a participação da mulher na defesa da identidade do seu povo e da sua cultura; a história da sua voz doce como o *aguai*³ e voraz na guerra, expressa o comprometimento da figura feminina na sobrevivência de uma cultura. A mesma valentia da figura feminina guarani encontra-se na história das mulheres paraguaias que, defendendo o seu país na *Guerra de la Triple Alianza*, financiaram o exército paraguaio doando as suas joias: “mil mujeres se reunieron hace 150 años frente a lo que hoy es la Catedral Metropolitana de Asunción. Su objetivo era votar por la creación de una serie de comisiones regionales encargadas de recolectar las donaciones de joyas y alhajas de mujeres de todo Paraguay”⁴ (PAIS, 2017, acesso em: 21 jul. 2021). A participação feminina não se limita no financiamento do exército paraguaio ao destacar-se, principalmente, na reconstrução de todo um país após a sua derrota, tornando o território paraguaio como o país das

² Diz a tradição oral que a beirado rio do Paraná morava uma indígena com feições ásperas, chamada Anahí. Era feia, mas no pôr do sol do verão adoçava toda a tribo guarani com canções inspiradas a seus deuses e ao amor à terra onde pertenciam. Mas, ao chegarem os invasores, os valentes e corajosos guerreiros de peles brancas, acabaram com as tribos, apoderando-se das terras, dos ídolos e da liberdade. Anahí foi cativa junto a outros indígenas. Chorou por muitos dias e passou noites em vigia, até que um dia, quando o guarda dormia, a indigenazinha conseguiu fugir, nesse momento o guarda acordou, e ela, para continuar a sua fuga, esfaqueou-o no peito para escapar para a selva (tradução livre).

³ Fruto pequeno da árvore silvestre usado para preparar doce.

⁴ Mil mulheres reuniram-se há 150 anos, frente à Catedral Metropolitana de Asunción. O objetivo era votar para a criação das comissões regionais responsáveis pelo recolhimento de doações de joias e bijuterias das mulheres de todo o Paraguai (tradução livre).



mulheres, “todos los viajeros que venían después de la guerra veían un país de mujeres. Más de la mitad de la población había perdido la vida. Sobrevivió un 30% a 40%, cuya mayoría eran mujeres. Las que se quedaron administrando económicamente los pueblos eran ellas”⁵ (CARDOZO ROMÁN, 2020, acesso em: 21 jul. 2021).

El grito del moribundo carcelero, despertó a los otros españoles que salieron en una persecución que se convirtió en cacería. Al rato la joven fue alcanzada por los conquistadores. Éstos, en venganza por la muerte del guardián, le impusieron como castigo la muerte en la hoguera. La ataron a un árbol e iniciaron el fuego, que parecía no querer alargar sus llamas hacia la doncella indígena, que sin murmurar palabra, sufría en silencio, con su cabeza inclinada hacia un costado. Y cuando el fuego comenzó a subir, Anahí se fue convirtiendo en árbol, identificándose con la planta en un asombroso milagro. Al amanecer los soldados se encontraron ante el espectáculo de un hermoso árbol de verdes hojas relucientes y flores rojas aterciopeladas que se mostraba en todo su esplendor, como símbolo de valentía y fortaleza⁶ (ARGENTINA.GOB.AR, acesso em: 20 jul. 2021).

A figura feminina apresentada na história de Anahí ressalta a perseguição de toda uma comunidade indígena pelo sistema colonizador que despoja os nativos dos bens necessários para seu desenvolvimento, perturbando o equilíbrio social e cultural pelo desejo de poder. Os invasores de *pieles blancas*, em busca de domínio, destroem o equilíbrio natural, tirando todo respeito à cultura, à história e à memória dos povos e nações. Esse sistema invasor e depredador coloca o lucro e a posse como critérios superiores, sem considerar o dano ocasionado à dignidade humana e aos valores sociais e culturais.

A morte de Anahí transformou-se num sangrento espetáculo ao ser queimada na fogueira, acusada de assassinar o carcereiro. Essa lenda da *indiecita fea de la voz tan dulce como el aguái* perdura na história e na imagem da flor do ceibo. Dessa maneira, a natureza, cada vez que faz florescer essa flor, conta a história de uma tribo guarani que foi invadida pelos espanhóis e de uma mulher chamada Anahí, líder da sua tribo, que encontrou o martírio defendendo a sua terra. A história de Anahí perdura no tempo através da valentia dessa mulher que lutou corajosamente,

⁵ Todos os viajantes que iam para o Paraguai após a guerra viam um país de mulheres. Mais da metade da população perdeu a vida. Sobreviveu aproximadamente 30% a 40%, dos quais a maioria eram mulheres. Elas eram as responsáveis pela administração da economia do povo (tradução livre).

⁶ O grito do guarda moribundo acordou todos os espanhóis, que saíram numa perseguição, dando lugar a uma caça. A jovem indígena caiu presa nas mãos dos conquistadores. Eles, vingando-se da morte do guarda, condenaram Anahí para a fogueira. A amarraram numa árvore e fizeram a fogueira, que parecia não desejar queimar a pele da indigenazinha, que, sem pronunciar nenhuma palavra, sofria no silêncio, com a cabeça inclinada para um lado. Quando o fogo começou a aumentar, Anahí se foi transformando numa árvore, identificando-se com a planta como num milagre. Ao amanhecer os soldados encontraram uma surpreendente árvore de brilhantes folhas verdes e flores vermelhas aveludadas, que se revelava com todo seu esplendor, como símbolo de valentia e fortaleza (tradução livre).

defendendo a sua família guarani. Anahí já não morre ao tornar-se eterna na poesia e na música folclórica, que revelam a beleza da história da flor do ceibo.

Figura 1 - Imagem da flor do ceibo.



Fonte: Ministério de Cultura Argentina. Disponível em: <<https://www.cultura.gov.ar/conoce-por-que-el-22-de-noviembre-se-celebra-el-dia-de-la-flor-nacional-8581/>>. Acesso em: 20 jul. 2021.

Canção Guarani - ANAHÍ

Letra e música: Osvaldo Sosa Cordero

Anahí, las arpas dolientes hoy lloran arpegios que son para ti.
Anahí, recuerdan acaso tu inmensa bravura reina guaraní.
Anahí, indiecita fea de la voz tan dulce como el aguaí.
Anahí, Anahí, tu raza no ha muerto, perduran sus fueros en la flor rubí.
Defendiendo altiva tu indómita tribu fuiste prisionera;
condenada a muerte, ya estaba tu cuerpo
envuelto en la hoguera,
y en tanto las llamas lo estaban quemando
en roja corola se fue transformando.
La noche piadosa cubrió tu dolor
y el alba asombrada
miró tu martirio hecho ceibo en flor.
Anahí, las arpas dolientes hoy lloran arpegios que son para ti.
Anahí, recuerdan acaso tu inmensa bravura reina guaraní.



Anahí, indiecita fea de la voz tan dulce como el aguaí.
Anahí, Anahí, tu raza no ha muerto, perduran sus fueros en la flor rubí.
(CANCIONERO POPULAR ARGENTINO, acesso em: 20 jul. 2021).

Como a história de Anahí contribui para a dimensão missionária da Igreja?

A história da rainha guarani e a lenda da flor do ceibo tornam-se símbolo de coragem e compromisso social para os cidadãos de hoje, especialmente para os cristãos que seguem o Mestre Jesus Cristo no anúncio do Reino da paz. Pode-se resgatar várias virtudes de Anahí para o contexto contemporâneo. Entre elas, apresentam-se três virtudes transformadoras que criam pontes para a construção da fraternidade e amizade social: a valentia da mulher como liderança, o respeito das tribos originárias e o valor do sentido comunitário.

As três virtudes mencionadas e destacadas na figura de Anahí são elementos que na atualidade estão em crise; resgatá-las no dia de hoje pode ser inspiração para viver a terra sem mal *yvy marane' ÿ*⁷. Procurada pelos guaranis, esse lugar convida a percorrer a memória dos antepassados, a colaborar com o esforço comunitário para o bem comum, a construir diálogo saudável e a criar espaços de reconhecimento para fomentar a comunhão entre a comunidade nativa e a natureza: “*yvy mar'ẽ ÿ upéa ko yvy porã. Upéa yvy ju ñaguahe upépe javevehápe. Upépe ojejiroky avei* (a terra-sem-mal essa é a terra boa; essa é a terra áurea e perfeita. Chegamos lá mediante o voo... Ali também se dança)” (MELIÀ, 1990, p. 45).

A primeira virtude que ilumina os relacionamentos contemporâneos dos discípulos missionários é a valentia da mulher. A figura feminina, a partir da história de Anahí, manifesta o quanto é importante a participação das mulheres no tecido social, principalmente na construção da paz humana. Limitar a sua contribuição nas tarefas da casa ou na maternidade pode ocasionar uma crise na sociedade, ao reduzir o movimento social nas mãos da figura masculina. Desta maneira, dentro das Igrejas particulares, em harmonia com a Igreja universal, devem haver espaços para que as mulheres participem na vida eclesial e teológica, além de proporcionar os elementos necessários para o seu desenvolvimento integral, a fim de serem inseridas na sociedade em prol da sua participação no âmbito político, social e econômico.

A Igreja reconhece a indispensável contribuição da mulher na sociedade, com uma sensibilidade, uma intuição e certas capacidades peculiares, habitualmente mais próprias das mulheres que dos homens. [...] Vejo, com prazer, como muitas

⁷ Língua guarani que significa terra-sem-mal.



mulheres partilham responsabilidades pastorais juntamente com os sacerdotes, contribuem para o acompanhamento de pessoas, famílias ou grupos e prestam novas contribuições para a reflexão teológica. Mas ainda é preciso ampliar os espaços para uma presença feminina mais incisiva na Igreja. Porque ‘o gênio feminino é necessário em todas as expressões da vida social; por isso deve ser garantida a presença das mulheres também no âmbito do trabalho’ e nos vários lugares onde se tomam as decisões importantes, tanto na Igreja como nas estruturas sociais (EG, 103).

O Papa Francisco, desde o início do seu pontificado, ressaltou a importância da participação da figura feminina e, com fatos, criou pontes para a sua contribuição na vida eclesial. O pontífice manifesta na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* a sua alegria nas responsabilidades pastorais assumidas por elas e destaca a importância de criar mais espaços para a inserção da figura feminina na dinâmica social e política. Além disso, o Papa sublinha o cuidado que a Igreja e a sociedade precisam ter com relação às mulheres para não serem vítimas de violência, exclusão e discriminação, considerando que podem se tornar um setor social vulnerável, “as mulheres que padecem situações de exclusão, maus-tratos e violência, porque frequentemente têm menores possibilidades de defender os seus direitos” (EG, 212).

Que mejor homenaje a la mujer paraguaya tuvo lugar nada más y nada menos que en la capital espiritual del país, Caacupé, aquel 11 de julio de 2015 donde desde tempranas horas más de 800 mil fieles esperaban ansiosos escuchar al Papa Francisco que ya en varias oportunidades había enaltecido a la mujer paraguaya en otras partes del mundo [...] ‘Quisiera referirme de modo especial a ustedes mujeres y madres paraguayas, que con gran valor y abnegación han sabido levantar un país derrotado, hundido, sumergido por una guerra inicua’, señaló el Sumo Pontífice en aquella homilía que quedó en la memoria [...] El Papa continuó elogiando a las mujeres de esta nación expresando de manera contundente ‘ustedes tienen la memoria, la genética de aquellas que reconstruyeron la vida, la fe, la dignidad de su pueblo’⁸ (REVISTA TUPÁRENDA, acesso em: 23 jul. 2021).

Um fato que deve ser mencionado na identificação e participação da mulher na dinâmica social é o seu reconhecimento histórico na vida de cada povo. O Papa Francisco, com o carisma que o caracteriza, na visita ao Paraguai conquistou o povo hispano-guarani ao mergulhar nas vísceras históricas da memória desse povo. O que hoje se vê no território paraguaio deve-se à figura da mulher paraguaia, já que após a *Guerra de la Triple Alianza* foram elas as reconstrutoras de todo o

⁸ A melhor homenagem para a mulher paraguaia teve lugar no capital espiritual do país, Caacupé, no dia 11 de julho de 2015, onde, desde cedo, mais de 800 mil fiéis esperavam entusiasmados para escutar o Papa Francisco, que já em várias oportunidades enalteceu a mulher paraguaia em outras partes do mundo [...] “desejo mencionar de modo especial a vocês mulheres e mães paraguaias, que com grande coragem e abnegação reconstruíam um país derrotado, afundado, submerso por uma guerra iníquo”, mencionou o Sumo Pontífice naquela homilia guardada na memória [...] O Papa continuou elogiando as mulheres da nação, expressando com insistência: “vocês têm a memória, a genética daquelas mulheres que reconstruíram a vida, a fé, a dignidade do seu povo (tradução livre).



país devastado; elas tomaram em suas mãos a vida econômica, política, social, educacional e agrária. Um país derrotado pelos interesses dos poderes internacionais conseguiu ressurgir graças à valentia e à capacidade de liderança dessas mulheres, que se organizavam em grupos para pagar os gastos da guerra. Sendo assim, todas as mulheres do Paraguai – desde a mais simples até a mais rica – colaboraram, segundo as suas possibilidades, para o bem comum da nação.

A segunda virtude que sobressai da história de Anahí e da lenda da flor do ceibo é o respeito às tribos originárias: o cuidado aos indígenas torna-se importante para que não aconteçam injustiça e agressão a esse grupo social. Na atualidade, muitas famílias indígenas continuam sofrendo perseguição, como aconteceu com a família guarani de Anahí, por parte dos *hombres blancos* contemporâneos – diante um sistema capitalista que considera o lucro superior à dignidade humana: elas são despojadas da sua terra, história, cultura e identidade. O abandono ou pouco interesse dos Estados em salvaguardar a identidade cultural das tribos indígenas é preocupante. Atualmente, percebe-se que cada vez mais estão sendo aniquiladas pela falta de políticas públicas, pelo despojamento dos seus territórios, pela agressão à sua forma de ser e pelo fragmentado conceito de desenvolvimento.

Hoje, os povos indígenas e afros estão ameaçados em sua existência física, cultural e espiritual; em seus modos de vida; em suas identidades; em sua diversidade; em seus territórios e projetos. Algumas comunidades indígenas se encontram fora de suas terras porque estas foram invadidas e degradadas, ou não têm terras suficientes para desenvolver suas culturas. Sofrem graves ataques à sua identidade e sobrevivência, pois a globalização econômica e cultural coloca em perigo sua própria existência como povos diferentes. Sua progressiva transformação cultural provoca o rápido desaparecimento de algumas línguas e culturas. A migração, forçada pela pobreza, está influenciando profundamente na mudança de costumes, de relacionamentos e inclusive de religião (APARECIDA, 90).

O Documento de Aparecida menciona a realidade dos povos originários nesse contexto. A descrição feita pela Igreja não revela uma realidade diferente à história de Anahí, o que permite notar que em cada época os fatos cruéis de exclusão e agressão à identidade indígena se repetem no tempo. Devido a esta realidade, precisa-se entender a amplitude dos termos cuidado e proteção com relação às famílias nativas, pois essas não se reduzem à existência física ao estender-se na existência cultural e espiritual – elementos detalhados claramente pelo Documento de Aparecida. A existência cultural conota a identidade dos povos indígenas, a maneira de perceber o cosmos, a sabedoria expressada nas linguagens orais por meio dos mitos, lendas, músicas, ritos, narrações etc. A existência espiritual, por sua vez, percebe-se no respeito à natureza e à história dos antepassados, que criam comunhão no tempo presente, conectando-se com o passado e projetando-se no futuro.



A progressiva globalização é outro elemento que prejudica os povos nativos, esta agride a diferença de cada família indígena tirando o seu elemento particular e beleza originária. Os nativos, ao serem despojados das suas terras, precisam buscar novas formas de sobrevivência. Sendo assim, a natureza que provia os elementos necessários para o seu desenvolvimento, os espaços que fomentavam expressão cultural, a língua que convidava a entrar nas vísceras da história, enfim tudo aquilo que forma a identidade deve ser reelaborado em terras alheias. A consequência dessas mudanças nas vidas comunitária e pessoal provoca alteração nas famílias indígenas. Por conseguinte, a soma de todos os elementos como a globalização, o descuido do Estado e o interesse lucrativo nacional e internacional vai acabando com os povos nativos neste Continente Latino-americano.

A economia globalizada danifica despididamente a riqueza humana, social e cultural. A desintegração das famílias, que resulta das migrações forçadas, afeta a transmissão dos valores, porque ‘a família é, e sempre foi, a instituição social que mais contribuiu para manter vivas as nossas culturas’. Além disso, ‘diante de uma invasão colonizadora maciça dos meios de comunicação, [é necessário promover para os povos nativos] comunicações alternativas, a partir de suas próprias línguas e culturas [e que] os próprios protagonistas indígenas se façam presentes nos meios de comunicação já existentes’ (QA, 39).

Os povos indígenas estão em risco pela economia globalizada que danifica a riqueza humana, social e cultural. Segundo a Exortação Apostólica pós-sinodal do Papa Francisco, *Querida Amazônia*, as famílias indígenas estão sendo desintegradas como consequência de migrações forçadas. A mudança geográfica afeta a transmissão dos valores, o sentido de pertença na comunidade nativa, o sentido de identidade com os outros indígenas e a dinâmica de vida cotidiana. Ademais, a invasão maciça dos meios de comunicação fomenta a ruptura da sua identidade cultural. Ante essa realidade, a *Querida Amazônia* propõe criar meios de comunicação alternativos na própria língua nativa para preservar a identidade originária. Mas, para que esse projeto seja realidade precisa-se reconhecer – tanto na região Pan-Amazônica como em outros setores do Continente Latino-Americano – a existência de variadas línguas nativas.

A terceira virtude ensinada por Anahí na lenda da flor do ceibo é o valor do sentido comunitário, que expressa a sua amplitude nas relações humana, geográfica, ecológica e existencial. A família guarani liderada por Anahí olhava a natureza, a história, o espaço vivencial, os bens comunitários e a vida histórica dos antepassados numa perspectiva de comunhão integral. Sendo assim, a voz de Anahí ao cantar à natureza, tribo e história convidava a experimentar a harmonia com toda a realidade. A expressão máxima da comunhão comunitária, ecológica, geográfica e



existencial encontra-se no ato da transformação de Anahí na figura da planta da flor do ceibo. Desta maneira, as futuras gerações, olhando e contemplando a natureza, se encontram com a história do povo de Anahí, que provoca conhecer a valentia da *indiecita* que defendeu a sua tribo até o martírio. Por este motivo, o sentido comunitário da lenda da flor do ceibo não manifesta fragmentação ou ruptura ao considerar a história, a comunidade e a ecologia como expressões da relação humana e transcendental.

A vida missionária da Igreja à luz do sentido comunitário, manifestada pela história de Anahí e da lenda da flor do ceibo, orienta a uma fidelidade na vivência fraterna rumo a uma pertença comunitária e identificação com o semelhante. Esse modo de ser na vida social contemporânea está em risco devido ao consumismo e individualismo. O sistema capitalista fomenta o consumo supérfluo que impõe o isolamento, tendo em vista que o consumismo implica uma atividade sem o outro. Por esse motivo, pode-se afirmar que ser consumista representa uma ação: “um passatempo absoluta e exclusivamente individual, uma série de sensações que só podem ser experimentadas – vividas – subjetivamente” (BAUMAN, 2001, p. 114). Essa mentalidade consumista e individualista representa na atualidade desafios para a vida dos discípulos missionários. A Igreja, ao estar inserida na realidade social, experimenta as mesmas tentações que a sociedade. Por isso, pode cair no risco de perder a sua identidade fraterna, devido a esse sistema. Sendo assim, sempre é oportuno lembrar a espiritualidade social e fraterna do Salmo: “vede: como é bom, como é agradável habitar todos juntos, como irmãos. É como óleo fino sobre a cabeça, descendo pela barba, a barba de Aarão, descendo sobre a gola de suas vestes” (Sl 133, 1-2).

O consumismo encontra o seu impulso na economia atual, que alimenta o espírito individualista, dando como fruto a indiferença com o semelhante, o que danifica o tecido social. Ante esta realidade, o Papa Francisco sublinha que “os mecanismos da economia atual promovem uma exacerbação do consumo” (EG, 60). Na *Evangelii Gaudium*, o Sumo Pontífice destaca que este evento não só se realiza na sociedade, senão também, na própria Igreja, ocasionando uma forma de consumismo denominado: consumismo espiritual. “O isolamento, que é uma concretização do imanentismo, pode exprimir-se numa falsa autonomia que exclui Deus, mas pode também encontrar na religião uma forma de consumismo espiritual à medida do próprio individualismo doentio” (EG, 89).

A Igreja missionária enfrenta o consumismo e o individualismo à luz do Evangelho, manifestando a sua alegria ao reunir-se em torno do Mestre – mesmo entre as múltiplas dificuldades. Esse seguimento faz congregar os discípulos missionários na dinâmica da fraternidade



e amizade social, relacionando-se com toda a realidade à luz da Palavra de Deus. Sendo assim, o modo de ser daqueles chamados para o seguimento se expressa na vida em Cristo, que “inclui a alegria de comer juntos, o entusiasmo para progredir, o gosto de trabalhar e de aprender, a alegria de servir a quem necessite de nós, o contato com a natureza, o entusiasmo dos projetos comunitários, o prazer de uma sexualidade vivida segundo o Evangelho” (APARECIDA, 356).

A luta social implica capacidade de fraternidade, um espírito de comunhão humana. Então, sem diminuir a importância da liberdade pessoal, ressalta-se que os povos nativos da Amazônia possuem um forte sentido comunitário. Vivem assim ‘o trabalho, o descanso, os relacionamentos humanos, os ritos e as celebrações. Tudo é compartilhado, os espaços particulares – típicos da modernidade – são mínimos. A vida é um caminho comunitário onde as tarefas e as responsabilidades se dividem e se compartilham em função do bem comum. Não há espaço para a ideia de indivíduo [...]’ Essas relações humanas estão impregnadas pela natureza circundante, porque a sentem e percebem como uma realidade que integra a sua sociedade e cultura, como um prolongamento do seu corpo pessoal, familiar e de grupo (QA, 20).

A Igreja, olhando o sentido comunitário dos povos nativos presentes na Amazônia, encontra luzes que podem orientar os relacionamentos pessoais, comunitários, nacionais e internacionais. O forte sentido comunitário dos povos nativos manifesta grande significado ao termo comunhão e à capacidade de fraternidade, sem perder o critério de liberdade pessoal. Essa importância encontra-se na Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Querida Amazônia*, que ressalta o modo de viver dos povos originários dessa região e sublinha o sentido comunitário. Esse fato manifesta-se na dinâmica comunitária, que coloca tudo para compartilhar: os bens, as tarefas, as responsabilidades; sempre em função do bem comum.

O bem comum é a expressão máxima do sentido comunitário, que encontra a sua raiz na caridade social através do diálogo fraterno de todas as partes, com a finalidade de considerar-se um só povo. Esse diálogo social é uma tarefa que se desenvolve a longo prazo e com a participação de todas as partes da sociedade. Sendo assim, a Igreja – em diálogo com as outras instituições do tecido social – busca construir a paz a partir da sua identidade na Palavra de Deus. Mas, para que a sociedade se considere uma família humana precisa colocar os relacionamentos comunitários e culturais como elementos positivos contra um sistema que reduz o bem comum na soma de interesses particulares: “a categoria de povo, que inclui intrinsecamente uma avaliação positiva dos vínculos comunitários e culturais, habitualmente é rejeitada pelas visões liberais individualistas, que consideram a sociedade como mera soma de interesses que coexistem” (FT, 163).

Conclusão



A história de Anahí – a rainha guarani – na lenda da flor do ceibo inspira a vida pastoral missionária da Igreja no contexto contemporâneo ao convidar os leitores a percorrerem a história dos povos, a conhecerem a raiz e a memória cultural, a valorizarem a dimensão comunitária, a respeitarem a dignidade das pessoas e dos povos, a reconhecerem a coragem da mulher e a importância da sua participação no tecido social e a estarem em comunhão com toda a natureza que é criação de Deus.

Anahí ensina, na lenda da flor do ceibo, que tudo está ligado e conectado: língua, natureza, cultura, história, espiritualidade, vidas pessoal e comunitária. Sobre essa mesma comunhão integral, o Papa Francisco ressaltou que “tudo está interligado. Por isso, exige-se uma preocupação pelo meio ambiente, unida ao amor sincero pelos seres humanos e a um compromisso constante com os problemas da sociedade” (LS, 91). Essa visão de comunhão com toda a realidade, e de compromisso social, está presente no contexto pandêmico da Covid-19 ao dar-se conta da importância de comunidade-mundial, tendo em vista que ninguém se salva sozinho: “a pandemia da Covid-19 despertou, por algum tempo, a consciência de sermos uma comunidade mundial que viaja no mesmo barco, em que o mal de um prejudica a todos. Recordamo-nos de que ninguém se salva sozinho, de que só é possível salvar-nos juntos” (FT, 32).

A construção da paz social e a edificação dos relacionamentos comunitários – nacionais e internacionais – requerem valentia para sua realização e defesa. A missão de lutar por uma sociedade cada vez mais justa precisa ter olhares voltados para a dignidade humana e o respeito à identidade de todos os povos. Isso implica trabalho em conjunto da Igreja, dos Estados e dos crentes que não formam parte da Igreja Católica. O Papa Francisco iluminou o caminho nessa perspectiva de participação rumo ao diálogo social como contribuição para a paz na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*: “existem, sobretudo, três campos de diálogo em que a Igreja deve estar presente [...] procurando o bem comum: o diálogo com os Estados, com a sociedade – que inclui o diálogo com as culturas e as ciências – e com os outros crentes que não fazem parte da Igreja Católica” (EG, 238).

Siglas

EG: *Evangelii Gaudium*

FT: *Fratelli Tutti*

LS: *Laudato Si'*

QA: *Querida Amazônia*



Referências

- ARGENTINA.GOB.AR. *La Flor Nacional*. Disponível em: <<https://www.argentina.gob.ar/pais/ceibo>>. Acesso em: 20 jul. 2021.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. 10. ed. São Paulo: Paulus, 2015.
- CANCIONERO POPULAR ARGENTINO. *Canto Argentino*. Disponível em: <<https://www.folkloreelnorte.com.ar/cancionero/a/anahi.html>>. Acesso em: 20 jul. 2021.
- CARDOZO ROMÁN, Daisy. *La participación de la mujer paraguaya se vio completamente retardada*. Última Hora, Asunción, 24 fev. 2020. Disponível em: <<https://www.ultimahora.com/la-participacion-la-mujer-paraguaya-se-vio-completamente-retardada-n2871182.html>>. Acesso em: 21 jul. 2021.
- CELAM. *Documento de Aparecida*. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. Brasília: Edições CNBB, São Paulo: Paulus/Paulinas, 2007.
- DECLARATORIA DEL CEIBO COMO FLOR NACIONAL. *Decreto 13.847/42*. Disponível em: <<https://www.argentina.gob.ar/sites/default/files/decreto-13847-42-ceibo-flor-nacional.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2021.
- FRANCISCO, Papa. Carta Encíclica *Fratelli Tutti* sobre a fraternidade e a amizade social. São Paulo: Paulinas, 2020.
- _____. Carta Encíclica *Laudato Si'* sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulus/Loyola, 2015.
- _____. Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulus/Loyola, 2013.
- _____. Exortação Apostólica Pós-sinodal *Querida Amazônia* ao povo de Deus e a todas as pessoas de boa vontade. São Paulo: Paulus, 2020.
- MELIÀ, Bartolomeu. *A Terra sem Mal dos Guarani: Economia e profecia*. Revista de Antropologia, v. 33, 1990.
- PAIS, Ana. *La historia de las mujeres que donaron sus joyas para financiar al ejército de Paraguay en la Guerra de la Triple Alianza*. BBC News: mundo, 22 dez. 2017. Disponível em: <<https://www.bbc.com/mundo/noticias-41582324>>. Acesso em: 21 jul. 2021.
- REVISTA TUPÃRENDA. *Mujeres paraguayas, las más elogiadas por el Papa Francisco*. Disponível em: <<https://tuparenda.org/mujeres-paraguayas-las-mas-elogiada-por-el-papa-francisco/>>. Acesso em: 23 jul. 2021.
- TODO URUGUAY. *El ceibo: flor nacional*. Disponível em: <<https://www.todouruguay.net/el-ceibo-flor-nacional/>>. Acesso em: 20 jul. 2021.



Recebido: 15-06-2022

Aceito: 21-12-2022